



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

DANIELLA CAETANO FREITAS

USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA RELACIONAMENTOS SEXUAIS
DURANTE A PANDEMIA POR COVID19

BRASÍLIA

2021



DANIELLA CAETANO FREITAS

**USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA RELACIONAMENTOS SEXUAIS
DURANTE A PANDEMIA POR COVID19**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Ester Mascarenhas Oliveira

BRASÍLIA

2021

AGRADECIMENTOS

Primeiro, a Deus que me deu sabedoria e capacidade para realizar este estudo, me ajudou a superar os obstáculos em todo o percurso, e me fortaleceu para não desistir. A minha família, marido e filho, que me incentivaram nos momentos de dificuldade e exaustão, compreenderam meu nervosismo diante dos desafios que surgiram, e me consolaram em dias difíceis. A minha orientadora, a qual muito admiro, pela oportunidade da realização de um trabalho tão valioso, pela compreensão e incentivo durante todo o processo, e pelo imensurável valor do conhecimento que me acrescentou a cada ensinamento.

RESUMO

Em dezembro de 2019 foi descoberto o novo coronavírus, denominado SARS – Cov – 2 pela Organização Mundial de Saúde. Mesmo diante de inúmeras incertezas, é consensual que sua transmissão se dá através do contato pessoa – pessoa, e, por isso, medidas de distanciamento social foram impostas em todo mundo com vista a reduzir a propagação da doença. Nesse sentido, boa parte dos aspectos da vida social foram redirecionados a plataformas digitais, incluindo os relacionamentos sexuais e afetivos. Diante desse contexto, este estudo procurou conhecer o comportamento sexual/afetivo de usuários de plataformas digitais para sexo, em tempos de coronavírus. Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter exploratório e descritivo que buscou investigar mulheres e homens usuários(os) de plataformas digitais para relacionamento afetivo/sexual, a partir da aplicação de um questionário semiestruturado através do Google Formulário®. Os dados foram processados mediante o software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (IRAMUTEQ), o qual gerou a nuvem de palavras mediante , organizados e analisados a partir da proposta de Bardin. O grupo investigado foi composto por 75 participantes, homens e mulheres, a maioria solteira, heterossexual, com predomínio de pessoas entre 18 a 29 anos. A maior parte das(os) participantes afirmou ter ensino superior incompleto e renda salarial de 1 – 4 salários mínimos. Esse estudo evidenciou que o distanciamento social imposto pela pandemia prejudicou as relações sexuais e afetivas, por isso, as tecnologias digitais foram vistas como o principal meio para algum contato afetivo e sexual. Nesse sentido, as(os) participantes do estudo aumentaram a frequência e o tempo de uso de mídias digitais para sexo, principalmente através do envio de fotos nuas, sexo por videochamada, consumo de pornografia e masturbação mútua. Percebeu-se que as inovações advindas da tecnologia não suprimiram a necessidade do contato corpo – a – corpo, ressaltando a importância da conexão física entre as pessoas. Dentre as(os) participantes um subgrupo ponderou a possibilidade de romper com a quarentena para manter o sexo em seu cotidiano. Por conseguinte, evidenciou-se que a falta contato sexual pode ter causado sofrimento emocional e psicológico entre as(os) participantes. Sendo assim, a vivência da sexualidade, através dos meios digitais aponta para uma nova forma de abordar as relações sexuais, o que torna o redirecionamento das práticas profissionais e investimento no autocuidado imprescindíveis para o empoderamento e liberdade dos sujeitos. Nesse contexto, torna-se oportuno e necessário o olhar sensível da

Estratégia de Saúde da Família, cujo trabalho permeia a educação em saúde, através de orientações quanto ao contato físico para vivência da sexualidade, tempo de uso das mídias, auto exposição e identificação de sinais e sintomas que dão pistas de sofrimento mental.

Palavras-chave: Sexualidade; Sexo; Plataformas digitais e COVID19

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 OBJETIVOS	9
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
4 MÉTODO	15
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
6 REFERÊNCIAS	30
7 APÊNDICES	40

1 INTRODUÇÃO

SARS – Cov – 2 (severe acute respiratory syndrome coronavirus 2) é o nome de um novo vírus que afeta as vias respiratórias inferiores e teve sua descoberta em dezembro de 2019, na cidade Wuhan na China. A OMS nomeou oficialmente a nova doença como COVID19 (coronavirus disease 2019) e, em março de 2020, a reconheceu como uma pandemia mundial (OMS,2020).

No Brasil, o Ministério da Saúde realizou medidas para evitar a eminente chegada do novo vírus no país, no entanto, após a confirmação do primeiro caso de COVID 19, sua disseminação no território brasileiro ocorreu de forma rápida e alarmante, em menos de um mês, por conseguinte, o Ministério da saúde afirmou a transmissão comunitária da doença e sua presença em diversos Estados brasileiros (OLIVEIRA *et al*, 2020; ADHIKARI,2020).

Mesmo diante de inúmeras incertezas quanto ao comportamento do vírus, é consensual que sua transmissão é sustentada pelo contato próximo humano – humano (AMWI *et al*,2020). Dessa forma, limitar o contato entre as pessoas tem sido visto como a medida mais eficaz de interromper a cadeia de transmissão e por este motivo muitos países adotaram a quarentena ou o isolamento social como estratégia comunitária para combater o novo vírus (USHER,2020).

Diante disto, a sociedade foi surpreendida com a necessidade de romper com suas relações para se proteger. A pandemia resultante do novo SARS – Cov – 2 (*severe acute respiratory syndrome coronavirus 2*) praticamente obrigou famílias, amigos e afetos a se distanciarem para retardar a disseminação da infecção, com isso o isolamento social proporcionou mudanças abruptas na forma de relacionamentos entre os indivíduos tornando o mundo digital o principal meio para este.

Nesse contexto, a cultura digital passou a sustentar os vínculos entre os indivíduos, a maioria dos aspectos da vida social foram redirecionadas a plataformas digitais como educação, atendimento médico e psicológico, trabalho, reuniões de amigos e familiares e relacionamento afetivos sexuais (LLEWELLYN,2020).

Devido ao isolamento social, os sujeitos tem passado mais tempo em frente as telas com o propósito de manter contato com amigos, família e pessoas objeto de seu afeto, por isso na

quarentena ocorreu um acentuado aumento no número de downloads e tempo de uso de aplicativos para relacionamentos, não somente isso, sites em todo mundo presenciaram o incremento de novos usuários (PRIMO,2020; USTUN,2020).

De fato, a pandemia diminui as oportunidades para sexo, e da mesma maneira que todas as relações interpessoais, a sexualidade encontrou no meio digital uma forma de adaptação aos limites impostos pelo novo vírus. Lehmilller *et al*, 2020 apontam que durante a pandemia houve intensificação no envio de fotos com exposição de partes do corpo, maior compartilhamento de fantasias sexuais, mais frequência no sexo por videochamada, masturbação e assistir a pornografia.

Nesse sentido, a sexualidade é algo inerente do indivíduo, ela deve ser discutida não apenas como uma característica biológica, mas, de uma forma multidimensional. O sexo não tem o fim apenas para perpetuação da espécie humana, mas também de afetividade e erotismo que são fundamentais para o bem-estar emocional e psicológico (VEIGA-NETO,2019). Por isso, a diminuição de oportunidades sexuais pode trazer sofrimento psicológico e emocional aos indivíduos e resultar em prejuízos a saúde mental, como aumento dos níveis de ansiedade, sentimentos de solidão e infelicidade, e quadros depressivos (ZHANG *et al*, 2020), o que exige um olhar diferenciado, principalmente a partir das equipes de saúde.

Nesse cenário a Estratégia de Saúde da Família sendo porta de entrada para o Sistema único de saúde, ganha ênfase, uma vez que tem como elementos centrais ações promoção da saúde e a prevenção de doenças (BRASIL,2017). A educação em saúde se caracteriza como uma importante ferramenta no desenvolvimento do cuidado, através de ações educativas sob uma perspectiva emancipadora, participativa e criativa (ALVES, 2020; TAFURI; DOS SANTOS; ZAGO,2020).

Sendo assim, questiona-se: Como se dá o comportamento sexual de usuários(as) de plataformas digitais para relacionamento afetivo/sexual, em tempos de coronavírus? O interesse por essa pesquisa surge das discussões na disciplina de saúde coletiva no curso de enfermagem, a partir de reflexões sobre a sexualidade na pandemia.

Esse estudo mostra-se relevante ao passo que se propõe discutir sobre a vivência da sexualidade na pandemia, tema pouco explorado no campo científico.

2 OBJETIVOS

GERAL

Conhecer o comportamento sexual de usuários(as) de plataformas digitais para relacionamento afetivo/sexual, em tempos de coronavírus;

-ESPECÍFICOS

Identificar a frequência de acesso de usuários(as) junto a plataformas digitais para relacionamento afetivo/sexual, em tempos de coronavírus;

Observar elementos que contribuem para o acesso de usuários(as) às plataformas digitais para relacionamento afetivo/sexual, em tempos de coronavírus;

Identificar a noção de risco à saúde entre usuários(as) de plataformas digitais para relacionamento afetivo/sexual, em tempos de coronavírus;

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em dezembro de 2019, as autoridades sanitárias chinesas realizaram um alerta a Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre casos de pneumonia severa com etiologia desconhecida na cidade de Wuhan na província de Hubei no centro da China. Em janeiro de 2020 o novo coronavírus, originalmente abreviado como CoV-2019 pela OMS, foi identificado por meio de uma análise da amostra de swab. Mais tarde, esse patógeno foi renomeado como: severe acute respiratory syndrome coronavirus 2 (SARS – Cov – 2) pelo Grupo de estudos sobre o coronavírus e a doença foi nomeada coronavírus 2019 (COVID 19) pela OMS. Por conseguinte, com o aumento número de casos na China e também a detecção da doença em dezoito países, foi declarado o surto da SARS – CoV – 2 (HARAPAN *et al*, 2020).

A COVID19 é sem dúvida um problema de saúde pública mundial, a velocidade de propagação do patógeno são motivo de grande preocupação – o surto da doença que teve início em dezembro na China alcançou 85 países/territórios em março de 2020 (HEYMANN,2020). Diante deste cenário a OMS declarou a COVID19 como uma pandemia reconhecendo a disseminação do vírus em vários países e regiões do mundo. De acordo com relatórios da OMS, no mês de maio de 2020, o vírus estava presente em 215 países, áreas ou territórios sendo que haviam 3.181.642 casos confirmados e o número de mortos era em torno de 224.301 (OMS,2020).

No Brasil, as medidas de combate ao vírus tiveram início rápido e essa foi uma postura plausível baseado no cenário mundial da doença. Em consonância com as entidades internacionais de saúde, no mês de fevereiro, o Brasil declarou emergência Nacional de Saúde Pública e diversas medidas foram tomadas mediante a um cenário eminente de infecção (CRODA J *et al*, 2020). O primeiro caso foi confirmado no Brasil e na América Latina em 26 de fevereiro de 2020, no Estado de São Paulo. Desde então a doença se propagou rapidamente, em menos de um mês, com a primeira morte divulgada em 17 de março. Segundo boletins epidemiológicos do Ministério da Saúde (2020), o país já registrou mais de 100 mil casos confirmados e acima de 11 mil mortes (OLIVEIRA *et al*, 2020).

Embora os avanços sobre o conhecimento do patógeno e do processo de adoecimento tenham sido rápidos, não superaram a velocidade de propagação e por este motivo a principal medida preconizada para minimizar a disseminação da infecção foi o isolamento social. No

último ano, bilhões de pessoas permaneceram em quarentena nas suas próprias casas, os países decretaram o fechamento dos comércios, escolas e locais que proporcionassem aglomerações e para muitos as atividades de rotina foram drasticamente alteradas e a normalidade da vida diária se tornou incerta (BANERJEE,2020). Portanto, a população buscou novas formas de vivenciar as relações sociais e com isso as plataformas de digitais se tornaram protagonistas. Logo, quase todos os aspectos da vida social foram redirecionados por meio de aplicativos de videoconferência, educação, atendimento médico e psicológico, trabalho, reuniões de amigos e familiares e a vivência da sexualidade não fugiu desse contexto (LLEWELLYN,2020).

Diante desse cenário inusitado, a preocupação com a saúde mental dos indivíduos tornou –se pertinente, e, por isso, artigos foram publicados para elucidar quais seriam os impactos da pandemia nas relações sociais e de forma sucinta os principais temas abordados são: os riscos de distúrbios agudos de stress, insônia, sofrimento emocional, transtornos de humor, sintomas depressivos, ansiedade, estresse, frustração, tédio e solidão (USHER,2020). No entanto, embora a temática sexualidade tenha uma grande relevância social as publicações com esse tema no período da pandemia por COVID19 são praticamente inexistentes.

A sexualidade é construída por um processo contínuo de experiências e aprendizados baseados em concepções sociais, culturais e históricas. Foucault (1985), filósofo francês, buscou enfatizar que o sexo era algo que é preciso ser analisado, vigiado e transformado em discurso. Ele também afirma que a sexualidade está associada aos acontecimentos sociais e que limitar sua definição apenas ao sexo biológico e reprodução não elucidada sua abrangência, na verdade, ela é resultante dos sentidos e valores de cada um, de sua conduta, das séries de deveres que adota, dos prazeres que conhece e aspira seus sentimentos e dos aspectos culturais da sociedade moderna (VEIGA – NETO, 2019).

Logo, baseado no pressuposto de Foucault (1985) e diante do cenário atual, uma breve análise sobre a transformação da sexualidade mediante a popularização da internet se faz pertinente. Em meados dos anos 2000, com o surgimento das novas categorias de aparelhos celulares – smartphones - com rápidas conexões remotas se tornou possível aos sujeitos produzir e compartilhar em tempo real fotos, vídeos e mensagens. A denominada cultura digital, trouxe consigo a “livre – expressão” de tornar pública as relações sociais, opiniões, conteúdo próprio e de interesse, a vida pessoal e especialmente uma maior exposição da

sexualidade e do corpo. Dentre as diversas problemáticas estudadas nas mudanças na vivência da sexualidade neste contexto, destaca-se: a preocupação com disseminação da pornografia, o surgimento de uma nova modalidade de relações sexuais - cibersexo - e o risco de abuso digital nos relacionamentos afetivos – sexuais (FLACH E DESLANDES, 2017).

A pornografia sempre existiu; mas, como advento da internet e a facilidade do acesso aos conteúdos pornográficos, ela se tornou maior e livre de risco de estigma. Além disso, com as facilidades do manejo nas novas tecnologias qualquer pessoa é um produtor de conteúdo pornográfico em potencial, com uso de *webcams*, blogs e outros meios virtuais o usuário pode vir a se tornar o próprio realizador e divulgador de pornografia na rede, em muitos casos com conteúdo que passam a desafiar os imperativos estéticos mais comerciais. Enquanto a pornografia poderia ser traduzida como uma forma do indivíduo usufruir de seus desejos sexuais por meio da visualização de fotos e vídeos, o cibersexo é uma nova modalidade de relações sexuais mediada por computadores ou pela internet (por isso o prefixo ciber). Dessa forma, o indivíduo pode simular o ato sexual através de avatares criados em plataformas digitais ou de plataformas de prostituição utilizando a *webcam* (GRUBBS,2019; NETO e CECCARELLI,2015).

As problemáticas sobre esse tipo de comportamento sexual são muitas, porém, se pode destacar: que o indivíduo pode assumir um perfil falso e com isso ter uma sensação de liberdade tal para vivenciar experiências que são julgadas inaceitáveis no mundo real, ou seja, são havendo limites para o que seria saudável em seu desejo sexual; o cibersexo pode ser um potencial causador de crime sexual, sendo que os perigos permeiam a pedofilia, a exploração sexual e assédio *on line*; essa forma de relação sexual pode resultar em descontrole nos impulsos seguido por uma compulsão, ou seja, a intensidade e a frequência do uso acarretam consequências em outros aspectos da vida (REZENDE E WINOGRAD,2016).

O abuso digital nas relações afetivo – sexuais é uma nova expressão da violência entre parceiros íntimos ou não. Três tipos abusos digitais podem ser identificados: controle/monitoramento, pornografia de vingança e agressão direta. O primeiro realizado de forma discreta e anônima, com o propósito de verificar as ações do parceiro na rede virtual trazendo uma falsa ideia de poder e controle. A segunda e a terceira representam atos destinados a causar danos ou um desafeto ao parceiro, como ameaçar, insultar, espalhar informações falsas e/ou depreciativas e conteúdos íntimos (fotos e/ou vídeos contendo

relações sexuais), proporcionando uma humilhação pública, acarretando em danos a integridade moral e a imagem dos indivíduos (FLACH E DESLANDES, 2017).

Ainda vale destacar o perfil dos consumidores de conteúdo pornográfico *online*. Em um estudo realizado com estudantes portugueses jovens, com idade entre 18 e 30 anos, buscou evidenciar se havia diferença entre o público masculino e feminino quanto ao uso de conteúdo pornográfico *online* e concluiu que os homens acessam com maior frequência este conteúdo, apresentam sexualidade norteada pela dimensão do prazer (com maior propensão a sexo sem vínculos afetivos e com vários parceiros sexuais) dando assim a entender que esse público tem atitudes sexuais mais liberais (GOMES *et al*, 2019).

Nota-se que a sexualidade foi desconstruída e reconstruída e medida que os laços sociais foram sofrendo mudanças. Atualmente, amores correspondidos ou não, relações afetivas – sexuais iniciadas e desfeitas, fotos e vídeos íntimos, podem ser compartilhados e vistos por uma multidão de espectadores independentemente de fronteiras ou demarcações territoriais fixas. A solidão pode ser resolvida com aplicativos de encontros, o desejo sexual pode ser satisfeito em plataformas digitais de serviços sexuais e esse novo modo de vivenciar a sexualidade foi potencializado pelo contexto de isolamento social e pandemia (GRUBBS, 2019; FONSÊCA *et al*, 2020).

Dessa forma, houve o aumento considerável do consumo de sites pornográficos, com incremento da prostituição por meios digitais, da masturbação, das postagens de teor sexual nas plataformas digitais (LEHMILLER *et al*, 2021). Também, chama a atenção o consumo de pornografia e sexo *online* relacionando algum tipo de fantasia sexual e coronavírus, muitos usuários utilizam máscaras descartáveis, luvas e álcool em gel no momento do sexo (ZATTONI *et al*, 2020)

Portanto, a utilização das plataformas digitais para a vivência da sexualidade no contexto de isolamento tem riscos incertos. Embora seja uma temática com bastante relevância social, as publicações com foco na sexualidade e desejo em tempos de coronavírus são incipientes, Alpalhão e Filipe (2020) em seu estudo, questionam-se sobre as mudanças na maneira como as pessoas vivem sua sexualidade e a possibilidade de comportamento de risco, sendo essa uma indagação necessária quando se pensa nos desfechos possíveis relacionados a essa temática.

Nesse sentido, é importante destacar que a sexualidade é uma dimensão vital da vida e não se restringe apenas à meta reprodutiva, sendo fundamental nas relações amorosas e o laço afetivo entre as pessoas, portanto mostra-se como um aspecto fundamental na qualidade de vida e bem-estar dos indivíduos (ALVES, 2020). Desse modo, torna-se essencial a assistência a saúde sexual, com vistas em promoção, prevenção e cuidado de agravos relacionados a vivência da sexualidade através das mídias digitais, tarefa essa que não é simples devido à alta complexidade que envolve o cuidado dessa nova dimensão dos relacionamentos sexuais (BRASIL,2013; RESENDE *et al*, 2020). Dessa forma, a Atenção Básica ou Primária se constitui estratégia primordial no cuidado aos indivíduos, pois se é a porta de entrada no sistema único de saúde (SUS) para todas as necessidades e problemas, além de fornecer atenção a pessoa – não focada apenas na enfermidade – em todas as suas condições considerando sua singularidade e inserção sociocultural (MACINKI E MENDONÇA, 2018; BELFORT; COSTA; MONTEIRO, 2021).

O Ministério da Saúde (MS) define a Atenção Primária em saúde (APS), como um conjunto de ações, no âmbito individual e coletivo, que abrange a promoção e a proteção da saúde, a prevenção de agravos, o diagnóstico e o tratamento de saúde mais comuns e relevantes da população, a reabilitação e a manutenção da saúde (BRASIL, 2017). Portanto, a APS pode ser considerada um importante pilar frente a situações críticas de saúde, tal como a pandemia causada pelo novo coronavírus (SARTI *et al*,2020).

Dentro da proposta de atuação da APS, tem-se a Estratégia de Saúde da Família (ESF) como um serviço responsável por captar as pessoas na comunidade adscrita e desenvolver ações integrais e resolutivas, como prevenção e promoção de saúde. Logo, tem um papel fundamental na resposta frente a COVID19 com oferecendo resolutividade ao identificar de forma precoce de casos da doença que devem ser encaminhados a serviços de maior complexidade (JAPIASSU *et al*,.2020).

Diante dessas informações, observa-se que a temática da vivência da sexualidade no período da pandemia mostra diversas facetas as quais colocam-se como desafios a serem superados, mas também como oportunidade de aprendizado para os grupos envolvidos, quer sejam usuários, profissionais e gestores de serviços de saúde.

4 MÉTODO

Diante do objetivo e finalidade apresentados, optou-se por desenvolver um estudo de natureza qualitativa e de caráter exploratório e descritivo, acerca do comportamento sexual em tempo de coronavírus. Nesse contexto, considera-se a abordagem qualitativa adequada ao objeto e objetivos desta pesquisa, sobretudo, por possibilitar a compreensão do contexto social em que se localizam as(os) participantes deste estudo, as relações sociais, a compreensão de exposição e as estratégias para a vivência da sexualidade em tempos de coronavírus.

Desse modo, considerando a importância de refletirmos acerca das práticas sexuais, optou-se, por investigar mulheres e homens usuários(os) de plataformas digitais para relacionamento afetivo/sexual. Foram excluídos do estudo pessoas menores de 18 anos ou com transtorno mental que inviabilize a participação na pesquisa.

Com o intuito de alcançar o objetivo do estudo, a coleta foi realizada a partir da aplicação um questionário semiestruturado elaborado e aplicado através do Google Formulário® contendo, inicialmente, o termo de consentimento livre esclarecido (TCLE) com informações sobre o objetivo da pesquisa, como seria realizado, os riscos e benefícios e confidencialidade. O instrumento de coleta foi dividido em duas partes, sendo a primeira com seis perguntas de cunho socioeconômico, e a segunda, contendo sete questões, as quais abordaram o objeto da pesquisa em questão.

O instrumento de pesquisa foi disponibilizado às(aos) participantes, mediante do envio do link, através do e-mail e aplicativos que facilitaram a comunicação. Para a inclusão de participantes no estudo foi utilizada a técnica de amostragem não probabilística Bola de Neve (snowball sampling), a partir da qual participantes convidam novos(as) depoentes (DEWES, 2013). Esse convite se deu por meio de divulgação através das redes sociais, aplicativo *Whatsapp*®, ou outros meios.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a opção de aceite para participação na pesquisa foram dispostos no formulário, com informações prévias às questões inerentes ao objeto de pesquisa.

As respostas das(os) depoentes foram dispostas no programa Excel® em forma de tabela, de acordo com discussão de cada participante. Em seguida, foi realizada a construção do corpus

através da análise de conteúdo que é uma técnica para análise de comunicações, que irá inquirir o que foi dito na coleta de dados ou observado pelo pesquisador, para tanto, na análise do material, os dados são classificados em temas ou categorias para auxiliar na compreensão do que está por trás dos discursos (MENDES,2017). Para este estudo optou-se pela técnica proposta por Bardin (2011), que se constitui na organização dos discursos em três fases: pré- análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A primeira fase compreendeu uma leitura geral do material coletado, em sequência foi realizada a organização dos dados no programa Excel®. Após a organização o material foi explorado e analisado, a partir de codificação de unidade de registro. Na próxima fase, as respostas foram agrupadas por sentido em quatro categorias: ‘motivos que contribuiriam para o uso de plataformas digitais’, ‘vivência da sexualidade durante a pandemia’, ‘uso de plataformas digitais durante a pandemia’ e ‘noção de risco à saúde durante a pandemia’ e a ‘vivência da sexualidade’. Por fim, a interpretação e inferência dos resultados se constituiu na análise comparativa entre todas as categorias existentes, em que se observou tanto os aspectos semelhantes quanto os elementos diferentes na fala das(os) depoentes.

Na sequência, as respostas foram importadas para o programa Word®, a partir disso, foi realizada a construção do corpus para análise textual no software IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). O IRAMUTEQ possibilitou uma enorme opção de organização dos dados, principalmente no que tange as questões de imagens gráficas. Nesse trabalho, optou-se pela utilização da nuvem de palavras. Ademias, o presente projeto foi aprovado pelo Comitê de ética em Pesquisa (BRASIL, 2012), sob CAAE nº 37053620.7.0000.0023 e seguiu o que preconiza os aspectos bioéticos que são: não maleficência, beneficência, autonomia, justiça e equidade, primando sempre a dignidade humana sobre a pesquisa científica e a confidencialidade e anonimato das pessoas participantes. Nesse sentido, o trecho das falas das(os) depoentes foram identificados com a letra R, seguido de um número baseado na ordem de participação na pesquisa pela(o) depoente.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo contou com 75 participantes, de ambos os sexos, a maioria solteira (61,3%), heterossexual (58,6%), com faixa etária geral de participação de 18 e 59 anos, com predomínio de pessoas entre 18 a 29 anos. A maior parte das(os) depoentes (56%) afirmou ter ensino superior incompleto, 69,3 % dos (as) participantes afirmou ter renda salarial de 1 – 4 salários mínimos.

As respostas foram inicialmente lematizadas e agrupadas por significados semelhantes por núcleo de sentido, processaram-nas em seguida, mediante o software IRAMUTEQ, o qual gerou o gráfico 1.

Gráfico 1 – Nuvem de palavras.



Fonte: elaborado pela autora.

A nuvem de palavras apresenta-se mediante a correlação dos termos mais frequentes e dá visibilidade aos mais relevantes, cuja aparência se destaca em um tamanho maior. Percebe-se, a partir desses parâmetros, que o termo 'pessoa' apresenta maior relevância entre as(os) participantes desse estudo, sendo o elemento que mais se destaca a partir do critério de

frequência. Registram-se, também, a ocorrência de termos relacionados à vivência da sexualidade, representado pelos termos 'sexual', 'sexo', 'conhecer' e 'relação', bem como o uso de aplicativos, representado pelos termos 'uso', 'usar' e aplicativo, a partir do contexto pandêmico, evidenciado pelo termo 'pandemia', com alta frequência. Outros termos também se relacionam aos elementos citados, a exemplo do 'Tinder', como plataforma de frequente uso entre o grupo investigado.

Na análise do conteúdo dos dados coletados proposta por Bardin (2011), observou-se que os termos contidos na nuvem de palavras também se mostraram relevantes. Para o grupo investigado o isolamento social imposto pela pandemia prejudicou os relacionamentos sexuais e afetivos. Ficou explícito no discurso das (os) participantes, o impacto negativo que a quarentena compulsória trouxe à sexualidade. A palavra 'pandemia' correlacionada aos termos mais frequentes na nuvem de palavras conota o olhar das(os) participantes para o novo vírus e como este prejudicou o contato afetivo e sexual. Além disso, o medo do contágio do vírus causador da Covid19 mostrou-se como principal motivador do isolamento social, como pode ser visto nos excertos abaixo:

“Complicado [a vivência da sexualidade], não posso me arriscar por ter uma pessoa de risco em minha casa e também arriscar a vida de outro indivíduo. Prefiro ficar sem sexo” (P18).

“Vivência [sexualidade], de apenas uso da masturbação, não me sinto confortável em me encontrar com outra pessoa, aumentando o risco de contágio para mim e minha família, apenas para satisfazer um desejo que eu sozinha consigo trazer. Não tenho a visão que a relação sexual seja algo necessária na minha vida, e que seja de urgência se comunicar com alheios para trazer desejos. Prefiro esperar a pandemia acabar” (P24)

“PÉSSIMO [a vivência da sexualidade], sem transar desde de Julho tendo que lutar contra meu desejo de ter alguém pelo fato de não ter segurança suficiente pra isso” (P20).

Relacionar-se fisicamente durante a pandemia, tornou-se sinônimo de risco à saúde. É prevalente no discurso das(os) participantes a noção de que o contato físico oferece chances de adquirir a infecção pelo novo coronavírus, porém, também chama a atenção a quantidade de depoentes que pondera ignorar o risco de contágio, ou encontrar outros meios, para manter o sexo em seu cotidiano:

É algo complicado [sexo na pandemia], porque sexo é algo físico e por consequência da covid as pessoas estão cada vez mais afastadas por causa do isolamento, a procura por outros meios de prazer aumentam e também tem pessoas que preferem correr o risco e ir cometer o ato, sexual aí vai de cada um qual escolha será mais benéfica para sua necessidade(P56).

Um risco [sexo na pandemia], mas ao mesmo tempo, pegar ônibus e metrô é um risco, mercado, padaria, lazeres em geral, tudo é um risco. O tesão fala mais alto que o medo (P28).

As pessoas vão atrás do prazer de qualquer forma, tendo contato ou não com outra pessoa e até furando o isolamento social (P55).

Acredito que devemos ter pessoas confiáveis para ter relações sexuais em meio à pandemia devido ao risco de contaminação (P40).

O sexo é considerado uma forma de modular o estresse, proporcionar bem-estar físico e mental e, também, constitui um aspecto essencial na dinâmica de relacionamentos afetivos. É compreensível que o grupo investigado ressalte a ligação afetiva entre as pessoas, uma vez que as palavras 'relação', 'relacionamento' e 'parceiro' foram proeminentes na nuvem de palavras. Então, sob essa perspectiva, a possibilidade de abstinência sexual involuntária advinda do isolamento social, pode causar angústia e sofrimento psicológico, o que é ser

insuportável para algumas pessoas, as quais tem como caminho a opção pelo risco de contágio a ficarem sem sexo (BANERJEE E RAO, 2020).

Os termos 'sexo' e 'sexual' foram evidenciados na nuvem de palavras, o que demonstra o desejo dos (as) participantes por sexo, por contato sexual mútuo e pela vivências de seus anseios sexuais.

Diante da impossibilidade do contato físico, a sexualidade ganhou novas formas e tem sido vivida, com frequência, através das telas de celulares, tablets e computadores (PRIMO, 2020). Evidenciou-se, na fala das(os) participantes, que a falta de sexo é o principal elemento para procura por plataformas digitais para relacionamentos afetivos – sexuais, como exposto abaixo:

“Devido ao rápido contágio e os perigos que o COVID trouxe, em tempos de pandemia as tecnologias digitais são o caminho mais seguro [para sexo]” (P07).

“É uma experiência diferente [sexo por meios digitais], mas com todos os acontecimentos nos últimos tempos é uma boa saída para conseguir ter uma experiência sexual”. (P21).

“É uma boa opção para o momento que estamos presenciando [sexo por meios digitais], passa a ser uma forma de se conhecer e conhecer desejos sexuais próprios, evitando a contaminação do novo coronavírus” (P60).

Acho que é uma possibilidade viável, [sexo por meios digitais], que para mim não substitui o sexo presencial, mas satisfaz minha necessidade de explorar a sexualidade com outra pessoa. A experiência pode ser tão intensa quanto alguns encontros presenciais (P47).

O tédio, estresse e a solidão também são elementos que parecem ter contribuído para o maior acesso às mídias digitais para sexo. De Oliveira e Carvalho (2020), em uma revisão sistemática da literatura, identificaram a vinculação entre tédio e aumento com relação a prática do sexo

on-line. A razão disso está atribuída à busca de novidades para reduzir a monotonia causada pela quarentena, e, também, aumentar a excitação, conforme pode ser visto nas falas a seguir:

[como se deu o uso de plataformas digitais na pandemia] Antes do corona, porém [por conta da pandemia] se tornou ainda maior por um tempo, por conta de todo tempo em casa traz mais carência em certos dias sozinhas, querendo um parceiro (P20).

Comecei usa [plataformas digitais para sexo] por uma questão mais de tédio e passa tempo, já que estava difícil sair para acontecer alguma coisa (P64).

Desse modo, mídias digitais se tornaram as principais mediadoras das relações sociais e afetivas, sendo utilizadas como estratégias de enfrentamento ao distanciamento e, também, constituindo como uma das poucas formas de adaptação aos limites impostos pelo novo vírus (DE PAULO; DAMAZIO; QUARESMA, 2021). Ustun (2020) avaliou que para suportar a quarentena as pessoas têm buscado mais contato com amigos através de plataformas digitais e, portanto, tem permanecido mais tempo *on-line*. Primo (2020) afirma que houve um intenso aumento no uso de aplicativos para relacionamentos por conta da pandemia, inclusive com acréscimo de novos usuários, antes alheios à cultura digital.

Quando questionadas(os) sobre a frequência do uso de plataformas digitais no contexto da pandemia, as(os) participantes divergiram em seus discursos. Parte das(os) depoentes afirma não ter interesse ou nunca ter usado mídias digitais para sexo:

Não faria [sexo por plataformas digitais], porém não julgo, não cometendo nenhum crime, cada um acho seu jeito de sentir prazer (P61).

Não tenho curiosidade, acho que não me satisfaria [sexo por plataformas digitais], (P62).

Não é pra mim [sexo por plataformas digitais], não vejo nenhuma graça (P63).

Por outro lado, a maioria das depoentes afirma aumento quanto ao uso de aplicativos e sites para relacionamentos afetivos. Nota-se que a palavra ‘aplicativo’ teve considerável frequência na fala das(os) participantes, o que pode ser visto na nuvem de palavras, além disso, os termos ‘achar’, ‘usar’, ‘uso’ e ‘conhecer’, também conotam o uso de aplicativos para relacionamento afetivo e sexual pelos (as) participantes. O uso de plataformas digitais para sexo, entre as(os) depoentes, se deu principalmente através do envio de fotos nuas, sexo por videochamada, consumo de pornografia e masturbação mútua são, no contexto da pandemia, as formas de obter sexo.

“Sim [utilizou plataformas digitais], encontrei algumas pessoas através do Tinder® e tive relações com algumas delas”. (P27)

“[como se deu o uso de plataformas digitais na pandemia] Tinder®, mas apenas para conversas. Sem encontros físicos”. (P34)

[como se deu o uso de plataformas digitais na pandemia] Trocas de mensagens/flerte e depois redes sociais específicas para relacionamentos (P23)

Sim [usei de plataformas digitais na pandemia], masturbação mútua durante videochamadas (P40).

Nesse sentido, Lehmler *et al* (2020) afirmam que durante a pandemia houve um aumento nas pesquisas de conteúdo pornográfico, vendas de brinquedos sexuais, downloads de aplicativos de namoro e aumento de postagens com tema erótico nas redes sociais, e não somente isso, também houve novos acréscimos à vida sexual com intensificação no envio de fotos com exposição de partes do corpo, maior compartilhamento de fantasias sexuais, mais frequência no sexo por videochamada, masturbação e consumo de pornografia, como mencionado pelas(os) participantes da pesquisa:

“Sim [relações sexuais através das plataformas digitais], com vários[parceiros] inclusive, às vezes dava vontade, fazíamos por chamada de vídeo, ele se masturbando lá e eu aqui”. (P28)

“Não a relação sexual em si, apenas o envio de fotos” (P6)

“Sim [relações sexuais através das plataformas digitais], trocas de nudes e videochamadas”. (P21)

[vivencia da sexualidade na pandemia] Masturbação. Vendo pornografia (P18)

Assim, embora a incorporação de novas atividades sexuais tenha trazido melhorias, essas inovações não suprimiram por completo a necessidade do contato corpo-a-corpo, ressaltando a importância da conexão física entre as pessoas. A palavra ‘pessoa’, elemento que mais se destaca a partir do critério de frequência na nuvem de palavras, revela a busca das(os) participante pela aproximação, pelo conhecer, pelo contato com o outro para a vivência da sua sexualidade.

De acordo com o conceito psicanalítico de Freud (1997), a sexualidade não tem apenas o fim de procriação, e sim prazer, afetividade e erotismo, sendo necessária para a felicidade e satisfação dos indivíduos em seus relacionamentos interpessoais (DE CARVALHO NOVELLI, 2020). É comum no discurso das(os) depoentes a ressalva de que apesar de ter sido útil, a vivência da sexualidade de forma virtual não supre a necessidade de contato pessoa - pessoa:

“No contexto de pandemia foi necessário [o uso de plataformas digitais]. Acho bom, mas nada supera o contato físico”. (P21)

“Acho que é uma possibilidade viável [o uso das plataformas digitais], que para mim não substitui o sexo presencial, mas satisfaz minha necessidade de explorar a sexualidade com outra pessoa” (P26).

Ruim, [o uso das plataformas digitais para sexo], pois o sexo virtual por meio de videochamadas obviamente não é igual à relação sexual presencial (P40)

A prática sexual possui um papel crucial para a saúde emocional e psicológica dos indivíduos. Para Freud (1997), o homem é, em essência, um ser sexual, portanto, usufruir da intimidade sexual pode ser vital para sustentar a saúde mental, dessa forma, a quantidade e a qualidade reduzida de sexo no contexto da pandemia podem tornar os sujeitos emocionalmente vulneráveis (ZATTONI *et al*, 2020), como exposto abaixo:

“É complicado não poder ter o toque de outra pessoa, ter o carinho, o afeto no qual éramos acostumados e muitas vezes, quando estamos sozinhos, nos sentimos insuficientes e carentes no meio disso tudo. começamos a buscar por algo fixo, um/a namorado/a mesmo sabendo que essa louca vontade de ter alguém não passa de algo momentâneo explicitado pela carência que a pandemia nos faz sentir”. (P21)

Acho que poder ter um vínculo [sexual e afetivo], pois uma pessoa com a vida sexual ativa se sente melhor, mais feliz, fica menos deprimida e isso pode ser questões que podem evitar o vírus (P38).

Com o advento da COVID19 o distanciamento social retardou a propagação do vírus e forçou os indivíduos a reprimirem ou modificarem o comportamento sexual. Embora as consequências dessa situação ainda sejam incertas, as discussões científicas apontam que a diminuição das oportunidades sexuais entre as pessoas pode levar a importantes impactos à saúde mental (MARETTI *et al*, 2020; HILLE, 2021).

A pandemia causada pela COVID19 pode provocar um amplo espectro de manifestações de adoecimento mental e a morbimortalidade secundária ao comprometimento da saúde mental tende a superar a relacionada a infecção propriamente dita, podendo haver precipitação de transtornos mentais em pessoas sem doença mental e agravamento daqueles com alguma doença mental pré-existente (NABUCO; DE OLIVEIRA; AFONSO, 2020). A seguinte fala demonstra o que dito pelos autores:

A necessidade do isolamento social interferiu na minha vida sexual. Sou noiva, caso ainda esse ano, e devido a minha profissão (fisioterapeuta) e o estresse que minha categoria vivenciou principalmente no primeiro semestre de 2019, necessitei de acompanhamento psicológico e psiquiátrico, o que ocasionou a administração de medicações e interferiu diretamente na libido. Meu noivo é meu melhor amigo e me apoiou o tempo inteiro. Mas tenho certeza que muitas mulheres viveram situações semelhantes e não tiveram acolhimento de seus parceiros ou parceiras(P32).

Do ponto de vista psicológico, o distanciamento social tornou os indivíduos, de modo geral, mais propensos a quadros depressivos e ansiosos, como tristeza, desânimo, medo e solidão. Brooks *et al*, 2020, em uma rápida revisão da literatura, relacionando coronavírus e bem-estar mental, demonstraram uma maior fragilidade emocional e psicológica acompanhado da intensificação dos sintomas de ansiedade e depressão. Na coleta de dados, as(os) participantes dão sinais de sofrimento emocional ao atribuir a necessidade de consumo de sexo *online* aos sentimentos de solidão e tédio

[Uso de plataformas digitais para sexo] nos momentos onde há mais carência de comunicação e atração (P 34).

Ultimamente não uso mais [plataformas digitais para sexo], porém quando me sentia carente usava para suprir carência(P45).

Comecei usar [plataformas digitais para sexo], por uma questão mais de tédio e passa tempo, já q estava difícil sair para acontecer alguma coisa (P58).

O consumo de pornografia e sexo *online* tem sido utilizados como importantes mecanismos de enfrentamento ao estresse causado pelo isolamento social, e, também, para enfrentar o receio de contágio pela COVID19. Zattoni *et al* (2020) apontam que em março de 2020, 1,8 milhões de buscas relacionando a algum tipo de fantasia sexual e coronavírus foram feitas nos

principais sites de pornografia no mundo, incluindo sexo virtual com uso de máscaras, luvas e álcool em gel. O motivo por trás disto seria a erotização do medo, o fato de praticar sexo, mesmo de forma virtual, usando como fetiche os principais símbolos de combate ao vírus, o que traz uma sensação momentânea de bem-estar e confiança, como se os limites de contato físico fossem superados, mesmo diante da permanência do novo vírus (LEHMILLER, 2017; WEBER *et al*, 2018). Sendo assim, percebe-se uma ‘fetichização’ da pandemia, contexto que pode deflagrar riscos à saúde e maior vulnerabilidade para a mulher e crianças, pontos destacados por um(a) participante:

É uma prática comum [sexo virtual] com o surgimento da tecnologia. Os indivíduos estão distantes um do outro, então praticam o ato consigo mesmo (masturbação). Ao meu ver é um ato que traz vícios consigo, como a pornografia, incentivando a objetificação da mulher, até pedofílias e na minha opinião essa indústria deve acabar(P56).

Dada a importância da sexualidade e sua relação com a qualidade de vida, é importante que as(os) profissionais de saúde, de modo geral, estejam atentos(as) aos riscos à saúde, as queixas relacionadas, questionando os indivíduos sobre a vivência da sexualidade na pandemia, sempre levando em consideração as influências socioculturais, o estigma associado e as variadas facetas da sexualidade (BANERJEE E RAO, 2020)

Diante desse cenário, a APS a partir do modelo da Estratégia de Saúde da Família (ESF), ganha um importante destaque, uma vez que se consolida como modelo prioritário para implementação da Atenção primária em Saúde (APS), cuja proposta tem íntima relação com a promoção da saúde, prevenção de doenças e qualidade de vida (BRASIL, 2017).

Pensando na temática discutida neste estudo, a ESF mostra-se capaz de identificar, de forma precoce, comportamentos sexuais de risco, sinais e sintomas de vulnerabilidade emocional e elementos que potencializam prejuízos à sexualidade. A assistência em saúde, nesse contexto, pode ser prestada de forma segura através de tecnologias leves (MERHY E FEUERWERKER, 2016) e de baixo custo, mas altamente eficazes, como atendimento por telefone, mensagens, videochamadas ou visitas domiciliares, respeitando protocolos de segurança. Sendo assim, destaca-se a educação em saúde como ferramenta utilizada pela(o) profissional para investir

no empoderamento e autonomia dos indivíduos, contribuindo para torná-los sujeitos ativos no autocuidado (ALVES, 2020).

Nesse sentido, à medida que o tempo de distanciamento social se estende, a vivência da sexualidade através dos meios digitais cresce em um ritmo dramático, moldando uma nova forma de abordar as relações sexuais, o que torna o investimento no autocuidado imprescindível para o empoderamento e liberdade dos sujeitos. Embora pareça uma boa solução, o impacto real do uso das plataformas digitais para a vivência da sexualidade ainda não pode ser mensurado. Porém, em relação a atenção a saúde sexual, requer a construção de novos saberes e olhares, proporcionando novas dimensões de cuidado da sexualidade. Sendo assim, a pandemia e a vivência da sexualidade podem trazer um movimento de aprendizado, tanto para as(os) profissionais quanto para as(os) usuárias(os) do sistema único de saúde (SUS).

Nesse contexto, a intervenção em saúde, por parte da ESF, deve estar pautada no respeito às singularidades, e pode desenvolver-se a partir da reorientação das práticas profissionais, da orientação quanto ao contato físico para vivência da sexualidade, tempo de uso das mídias, auto exposição e identificação de sinais e sintomas que dão pistas de sofrimento mental. Outra importante intervenção em saúde, no contexto da pandemia, é a elaboração de conhecimento técnico - científico relacionado à saúde sexual, logo, profissionais de saúde podem se tornar mediadores na produção de informações seguras e também na transmissão de conhecimento de forma clara e de fácil compreensão, contribuindo para o protagonismo dos sujeitos envolvidos na vivência da sexualidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo identificou o aumento da utilização de aplicativos e sites para a vivência da sexualidade, por usuárias(os) de plataformas digitais para relacionamento afetivo e sexual, durante a pandemia, principalmente através do envio de fotos com exposição de partes do corpo, sexo por videochamada, consumo de pornografia e masturbação mútua.

Devido a impossibilidade de contato sexual, as(os) participantes do estudo recorreram a tecnologia para alcance do prazer e, portanto, aumentaram de maneira significativa, o acesso e o tempo de permanência em mídias digitais para namoro e sexo virtual. Além da falta de sexo, os sentimentos de tédio, solidão e carência foram apontados como os principais motivadores para a busca de encontros virtuais. Embora as(os) depoentes tenham demonstrado noção do risco quanto ao contato sexual físico representado pela possibilidade de contágio pelo coronavírus, boa parte afirmou o desejo de romper com a quarenta para manter o sexo no seu dia- a -dia.

Evidenciou-se que as relações afetivas e sexuais por meios digitais, aparentemente não supriram por completo a necessidade de prazer, sendo assim, a falta do contato corpo a corpo pareceu gerar sofrimento psicológico nas(os) participantes demonstrado, principalmente, por sentimentos depressivos e de ansiedade.

Diante deste cenário, o Sistema Único de saúde (SUS) através da a Estratégia de Saúde da Família, pode ganhar protagonismo devido a sua proposta de promoção da saúde, prevenção de doenças e investimento em qualidade de vida. Para tanto, as(os) profissionais, através da educação em saúde, podem investir na autonomia e empoderamento dos indivíduos na pandemia, contribuindo para uma vivência da sexualidade e minimizando os riscos de comportamentos sexuais perigosos à saúde. Nesse sentido, torna-se essencial o redirecionamento das práticas de cuidado em saúde sexual voltado para as novas formas de viver a sexualidade motivadas pela pandemia. Esse é um cenário desafiador, uma vez que as formações e os serviços de saúde, de modo geral, preservavam, até então, modos de

operacionalizar esse cuidado de forma bastante tradicional, com o olhar frequentemente direcionado aos contextos reprodutivos.

Até o momento não se tem conhecimento de estudos sobre sexualidade e uso das plataformas digitais no Brasil, tornando esta uma pesquisa inicial. Em outros países encontram-se discussões científicas que relacionam a sexualidade no contexto da pandemia nos diversos cenários, principalmente na saúde mental, mas poucas abordaram o uso das plataformas digitais. Esse contexto tornou-se um desafio para a finalização do estudo em questão.

7 REFERÊNCIAS

ADHIKARI, Sasmita Poudel et al. Epidemiology, causes, clinical manifestation and diagnosis, prevention and control of coronavirus disease (COVID-19) during the early outbreak period: a scoping review. *Infectious diseases of poverty*, v. 9, n. 1, p. 1-12, 2020.

ALPALHÃO, Miguel; FILIPE, Paulo. The Impacts of Isolation Measures Against SARS-CoV-2 Infection on Sexual Health. *AIDS and Behavior*, p. 1, 2020.

ALVES, Maria Teresa Garcia. Reflexões sobre o papel da Atenção Primária à Saúde na pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, v. 15, n. 42, p. 2496-2496, 2020.

AMWI, Haneen. et al. COVID-19 pandemic: an overview of epidemiology, parthenogenesis, diagnostics and potential vaccines and therapeutics. *Newlandspress* , p 2020

BANERJEE, Debanjan; RAI, Mayank. Social isolation in Covid-19: The impact of loneliness. *The international Journal of Social Psychiatry*.2020.

BANERJEE, Debanjan. How COVID-19 is overwhelming our mental health. *Nature India*, v. 26, p. 2020, 2020.

BANERJEE, Debanjan; RAO, TS Sathyanarayana. Sexuality, sexual well being, and intimacy during COVID-19 pandemic: An advocacy perspective. *Indian Journal of Psychiatry*, v. 62, n. 4, p. 418, 2020.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.

BELFORT, Ilka Kassandra Pereira; COSTA, Victor Catarino; MONTEIRO, Sally Cristina Moutinho. Acolhimento na estratégia saúde da família durante a pandemia da Covid-19. APS EM REVISTA, v. 3, n. 1, p. 03-08, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2017

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Atenção à Saúde. Secretaria de Atenção Básica. Saúde sexual e saúde reprodutiva. CADERNOS DE ATENÇÃO BÁSICA. Brasília, 2013. 300p.

BROOKS, Samantha K. et al. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. The lancet, v. 395, n. 10227, p. 912-920, 2020.

CITO, Gianmartin et al. The impact of the COVID-19 quarantine on sexual life in Italy. Urology, v. 147, p. 37-42, 2021.

CRODA, Julio et al. COVID-19 in Brazil: advantages of a socialized unified health system and preparation to contain cases. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, v. 53, 2020.

DE OLIVEIRA SALVADOR, Pétala Tuani Candido et al. Uso do software IRAMUTEQ nas pesquisas brasileiras da área da saúde: uma scoping review. Revista Brasileira em Promoção da Saúde, v. 31, 2018.

DE CARVALHO NOVELLI, Giovanni Vieira. O conceito de vontade de Schopenhauer e alguns desdobramentos na Psicanálise freudiana. Cadernos PET-Filosofia, v. 18, n. 1, 2020.

DE OLIVEIRA, Leonor; CARVALHO, Joana. The link between boredom and hypersexuality: a systematic review. *The journal of sexual medicine*, v. 17, n. 5, p. 994-1004, 2020.

DE PAULO, Beatriz; DAMAZIO, Vera; QUARESMA, Manuela. Looking through the window: emotional experiences of Instagram users in isolation. *Strategic Design Research Journal*, v. 13, n. 3, p. 586-598, 2020.

DEWES, João Osvaldo. Amostragem em Bola de Nev e Respondent-Driven Sampling: uma descrição dos métodos. 2013. Monografia (Bacharelado em Estatística) – Departamento de Estatística, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Matemática, Departamento de Estatística. Porto Alegre, 2013.

FLACH, Roberta Matassoli Duran; DESLANDES, Suely Ferreira. Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 33, p. e00138516, 2017.

FONSÊCA, Patrícia Nunes da et al. Uso de redes sociais e solidão: evidências psicométricas de escalas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 70, n. 3, p. 198-212, 2018.

FREUD, Sigmund; SALOMÃO, Jayme. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Edição 'Livros do Brasil', 1997.

GIAMI, A. COVID-19 et sexualités: l'émergence d'un nouveau paradigme des sexualités. *Sexologies*, 2021.

GOMES, Alexandre et al. Ciberpornografia e atitudes sexuais em estudantes universitários: estudo exploratório. In: *Actas do 12º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde: Promover e inovar em Psicologia da Saúde*. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 2018.

GOUVERNET, B.; BONIERBALE, M. Impact du confinement COVID19 sur les cognitions et émotions sexuelles. *Sexologies*, v. 30, n. 1, p. 8-21, 2021.

GRUBBS, Joshua B. et al. Internet pornography use and sexual motivation: A systematic review and integration. *Annals of the International Communication Association*, v. 43, n. 2, p. 117-155, 2019.

HARAPAN, Harapan et al. Coronavirus disease 2019 (COVID-19): A literature review. *Journal of Infection and Public Health*, 2020.

HAMZA SHUJA, Kanwar et al. COVID-19 Pandemic and Impending Global Mental Health Implications. *Psychiatria Danubina*, v. 32, n. 1, p. 32-35, 2020.

HEYMANN, David L.; SHINDO, Nahoko. COVID-19: what is next for public health?. *The Lancet*, v. 395, n. 10224, p. 542-545, 2020.

HILLE, Zeev et al. L'impact de la pandémie de COVID-19 sur l'activité sexuelle et les pratiques sexuelles des célibataires et des personnes en couple dans une population germanophone. *Sexologies*, v. 30, n. 1, p. 22-33, 2021.

HOLMES, Emily A. et al. Multidisciplinary research priorities for the COVID-19 pandemic: a call for action for mental health science. *The Lancet Psychiatry*, 2020.

JAPIASSU, Renato Barbosa et al. Como a Estratégia de Saúde da Família pode ser considerada ferramenta de apoio no combate ao COVID-19?. 2020.

JIMENEZ-SOTOMAYOR, Maria Renee; GOMEZ-MORENO, Carolina; SOTO-PEREZ-DE-CELIS, Enrique. Coronavirus, ageism, and Twitter: An evaluation of tweets about older adults and COVID-19. *Journal of the American Geriatrics Society*, 2020.

LLEWELLYN, Sue. Covid-19: how to be careful with trust and expertise on social media. *BMJ*, v. 368, 2020.

LEHMILLER, Justin J. et al. Less sex, but more sexual diversity: Changes in sexual behavior during the COVID-19 coronavirus pandemic. *Leisure Sciences*, p. 1-10, 2020.

LEHMILLER, Justin J. *The psychology of human sexuality*. John Wiley & Sons, 2017.

MACINKO, James; MENDONÇA, Claunara Schilling. Estratégia Saúde da Família, um forte modelo de Atenção Primária à Saúde que traz resultados. *Saúde em Debate*, v. 42, p. 18-37, 2018.

MARETTI, Carlo et al. COVID-19 pandemic and its implications on sexual life: Recommendations from the Italian Society of Andrology. *Archivio Italiano di Urologia e Andrologia*, v. 92, n. 2, 2020.

MENDES, Rosana Maria; MISKULIN, Rosana Giaretta Sguerra. A análise de conteúdo como uma metodologia. *Cadernos de Pesquisa*, v. 47, p. 1044-1066, 2017.

MERHY, Emerson Elias; FEUERWERKER, Laura Camargo Macruz. Novo olhar sobre as tecnologias de saúde: uma necessidade contemporânea. Merhy EE, Baduy RS, Seixas CT, Almeida DES, Slomp Junior H, organizadores. *Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes*. Rio de Janeiro: Hexis, v. 1, p. 59-72, 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Protocolo de Tratamento do Novo Coronavírus (2019-nCoV). 2020.

Disponível em:

<https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2020/fevereiro/05/Protocolo-de-manejo-clinico-para-o-novo-coronavirus-2019-ncov.pdf>

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Boletim Epidemiológico nº11. 2020. Disponível em:

<https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/Abril/18/2020-04-17---BE11---Boletim-do-COE-21h.pdf>

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR); CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil, v. 150, n. 112, 2013.

MOCCIA, Lorenzo et al. Affective temperament, attachment style, and the psychological impact of the COVID-19 outbreak: an early report on the Italian general population. *Brain, Behavior, and Immunity*, 2020.

REZENDE, William Araujo; WINOGRAD, Monah. O que é o cibersexo?: Uma arqueologia em três tempos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 68, n. 1, p. 35-48, 2016.

RESENDE, Ana Clara Antunes Pereira et al. Ações em saúde sexual e reprodutiva: garantindo a assistência em tempos de COVID-19. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 3, n. 5, p. 13052-13063, 2020.

NABUCO, Guilherme; DE OLIVEIRA, Maria Helena Pereira Pires; AFONSO, Marcelo Pellizzaro Dias. O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental. *Revista Brasileira de medicina de família e comunidade*, v. 15, n. 42, p. 2532-2532, 2020.

OLIVEIRA, Wanderson Kleber de et al. Como o Brasil pode deter a COVID-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 29, p. e2020044, 2020.

PRIMO, Alex. Afetividade e relacionamentos em tempos de isolamento social: intensificação do uso de mídias sociais para interação durante a pandemia de COVID-19: Emotions and relationships during social isolation: intensifying the use of social media for interaction during the COVID-19 pandemic. *Comunicação & Inovação*, v. 21, n. 47, 2020.

SANTOS, Cátia Fernandes. Reflections about the impact of the SARS-COV-2/COVID-19 pandemic on mental health. *Brazilian Journal of Psychiatry*, n. AHEAD, 2020.

SARTI, Thiago Dias et al. Qual o papel da Atenção Primária à Saúde diante da pandemia provocada pela COVID-19?. 2020.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualitas Revista Eletrônica*, v. 16, n. 1, 2015.

SIMONI, Manuela; HOFMANN, Marie-Claude. The COVID-19 pandemics: shall we expect andrological consequences? A call for contributions to ANDROLOGY. *Andrology*, 2020.

SIMARD, Joyce; VOLICER, Ladislav. Loneliness and isolation in long-term care and the COVID-19 pandemic. *Journal of the American Medical Directors Association*, v. 21, n. 7, p. 966-967, 2020.

SOHRABI, Catrin et al. World Health Organization declares global emergency: A review of the 2019 novel coronavirus (COVID-19). *International Journal of Surgery*, 2020.

SOUZA, Marli Aparecida Rocha de et al. O uso do software IRAMUTEQ na análise de dados em pesquisas qualitativas. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 52, 2018.

SURVEILLANCES, Vital. The epidemiological characteristics of an outbreak of 2019 novel coronavirus diseases (COVID-19)—China, 2020. *China CDC Weekly*, v. 2, n. 8, p. 113-122, 2020

NETO, Alberto Ribeiro; CECCARELLI, Paulo Roberto. Internet e pornografia: notas psicanalíticas sobre os devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais. *Reverso*, v. 37, n. 70, p. 15-22, 2015.

TAFURI, Bruna Kopytowski; DOS SANTOS, Vitória Rosa; ZAGO, Maria Cristina. Comportamento sexual e pandemia por Covid-19: impasses e possibilidades. *Rev. Saúde Mental do Século XXI: indivíduo coletivo e pandêmico*. p 83 – 100.2020

THOMBS, Brett D. et al. Curating evidence on mental health during COVID-19: A living systematic review. *Journal of Psychosomatic Research*, 2020.

USHER, Kim; BHULLAR, Navjot; JACKSON, Debra. Life in the pandemic: Social isolation and mental health. *Journal of Clinical Nursing*, 2020.

USTUN, Gonca. Determining depression and related factors in a society affected by COVID-19 pandemic. *The International journal of social psychiatry*, v. 67, n. 1, p. 54, 2021.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a educação*. Autêntica Editora, 2019.

WEBER, Mathias et al. Gender differences in escapist uses of sexually explicit internet material: results from a German probability sample. *Sexuality & Culture*, v. 22, n. 4, p. 1171-1188, 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Novel Coronavirus (2019 – nCOV) situation report - 102. Disponível em: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200501-covid-19-sitrep.pdf?sfvrsn=742f4a18_2

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Novel Coronavirus (2019 – nCOV) situation report - 114. Disponível em: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200513-covid-19-sitrep-114.pdf?sfvrsn=17ebbbe_4

ZATTONI, Fabio et al. The impact of COVID-19 pandemic on pornography habits: a global analysis of Google Trends. *International journal of impotence research*, p. 1-8, 2020.

ZHANG, Jie et al. The differential psychological distress of populations affected by the COVID-19 pandemic. *Brain, Behavior, and Immunity*, 2020.

ZHU, Shen et al. The immediate mental health impacts of the COVID-19 pandemic among people with or without quarantine managements. *Brain, Behavior, and Immunity*, 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionário semiestruturado disponibilizado no Google Formulário®

Instruções para preenchimento

Antes de iniciar, leia com atenção as seguintes instruções:

1. O questionário é anônimo e, portanto, você NÃO precisa se identificar.
2. Somente responda este questionário após ler integralmente e concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) fornecido junto a ele.
3. Responda de forma espontânea e sincera a todas as questões. As respostas serão utilizadas apenas para o desenvolvimento de trabalho científico e você não será avaliado/a individualmente.
4. Assinale apenas uma opção de resposta, a não ser que seja instruído diferente pelo enunciado da pergunta.

Obrigada pela sua colaboração!

PARTE 1

Neste tópico constam os dados sociodemográficos que são importantes para traçarmos o perfil da população estudada.

2. Pseudônimo *

3. Idade *

4. Grau de escolaridade *

Marcar apenas uma oval.

- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Graduação incompleta
- Graduação completa

5. Renda mensal média *

Marcar apenas uma oval.

- 1 - 2 salários mínimos
- 2 - 4 salários mínimos
- acima de 5 salários mínimos

6. Estado conjugal *

Marcar apenas uma oval.

- Casado (a)
- Solteiro (a)
- União estável
- Divorciado (a)/Separado (a)
- Viúvo (a)
- Outro

7. Identidade: *

Marcar apenas uma oval.

- Lesbica
- Gay
- Bissexual
- Transexual
- Travesti
- Trangênero
- Queer
- Agênero
- Intersexual
- Assexuado
- Heterossexual
- Outros

Parte 2

Neste tópico você responderá questões referentes a temática da pesquisa.

8. 1.O que você pensa sobre fazer sexo a partir de tecnologias digitais?

9. 2.O que você pensa sobre coronavírus e sexo?

10. 3. Como você começou a usar as plataformas digitais para relacionamento afetivo/sexual?

11. 4. Qual(ais) plataformas digitais para relacionamento afetivo/sexual (sites, aplicativos, grupos de relacionamento, plataforma para sexo) você usa/usou durante a pandemia?

12. 5. Com que frequência você utiliza plataformas digitais para relacionamento afetivo/sexual?

13. 6. Durante a pandemia você teve/tem relação sexual por intermédio das plataformas digitais? Explique.

14. 7. Como tem sido a vivência da sexualidade durante a pandemia por Coronavírus? Explique

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE.

O (a) Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto: Uso de tecnologias digitais para relacionamentos sexuais durante a pandemia por covid19, aprovado pelo Comitê de ética parecer 4.461.769/20. Trata-se de participação voluntária, para tanto faz-se necessário o esclarecimento de algumas informações contidas nesses documentos.

O objetivo dessa pesquisa é conhecer o comportamento sexual de usuários(as) de plataformas digitais para relacionamento afetivo/sexual, em tempos de coronavírus.

Procedimentos: a sua participação se dará através do preenchimento de questionário na ferramenta Formulário Google que contém questões sociodemográficas e a respeito da temática estudada. O tempo médio para o preenchimento é de 10 minutos. De modo algum entraremos em contato com o (a) participante, sendo assim, NÃO SOLICITAREMOS identificação do(a) participante, número de telefone para contato e-mail ou endereço.

Riscos e benefícios: o risco decorrente de sua participação na pesquisa é o de não se sentir confortável para responder alguma das perguntas e caso você não se sinta confortável, não há necessidade de respondê-la.

Se você aceitar participar, estará contribuindo para dar visibilidade à temática da sexualidade em tempos de pandemia e trazer reflexões sobre o contexto social e vivências sexuais.

Participação e recusa: o (a) Senhor (a) pode se recusar a responder, ou participar de qualquer procedimento e de qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o (a) senhor (a).

Confidencialidade: O (a) senhor (a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome NÃO SERÁ divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo (a). Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação, que será voluntária. Os resultados da pesquisa serão divulgados mediante apresentação e publicação dos dados. Os dados utilizados na pesquisa ficarão sobre a guarda das pesquisadoras.

Desse modo, nos colocamos a disposição para esclarecimentos.

Ester Mascarenhas Oliveira (Pesquisadora Responsável): ester.oliveira@uniceub.edu.br

Daniella Caetano Freitas Faustino (pesquisadora auxiliar):

daniella.faustino@sempreceub.com